

AS UNIDADES DE INTERNAÇÃO PARA MENORES INFRATORES DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO SOB UMA PERSPECTIVA GEOGRÁFICA

Aluno: Tiago Santos de Vasconcelos

Orientador: João Rua

Introdução

Não é de hoje que problemas relacionados aos jovens fustigam e interessam à sociedade. Questões comportamentais, familiares, de relacionamento, entre outras, alimentam estudos e permeiam o meio acadêmico incisivamente. Neste contexto, emerge a problemática dos jovens infratores que constantemente são expostos nos meios de comunicação em rebeliões ou executando atividades excusas, e, assim, são vistos como um problema social de difícil solução.

Reflexões sobre o sistema prisional do Rio de Janeiro, em particular, que hoje é gerido sob a perspectiva de preservação da segurança pública, e do Brasil, em geral, são amplamente debatidos e se incluem com destaque no rol das políticas públicas do Estado. Particularmente a cidade do Rio de Janeiro vem sofrendo uma séria crise neste setor, em que a articulação entre a política de segurança pública e a política de gestão penitenciária se caracteriza como precária. Contudo, estudos e análises geográficos sobre as instituições destinadas ao atendimento de menores ainda é bastante incipiente.

A hipótese dessa pesquisa é a de que a conformação espacial desses centros de recuperação para menores condiciona efetivamente o perfil do internado. Neste sentido torna-se imperativo uma análise geográfica espacial deste fixo com vistas a perceber de que forma esta interferência atua sobre o jovem.

A Geografia atribui sua contribuição na busca de uma análise sócio-espacial dos (não)lugares em que estes jovens são confinados durante o cumprimento da medida sócio-educativa.

Objetivos

O presente trabalho visa expor como a conformação espacial das unidades de internação para menores da cidade do Rio de Janeiro interferem na (re)construção da personalidade do internado, em outras palavras, divulgar a correlação existente entre a solidariedade dos espaços internos deste fixo (instituto) e o (re)condicionamento do perfil do jovem durante o período de internação. Acredita-se que o estudo dos espaços de convivência impostos aos internos (dormitórios, refeitório, salas de aula) permite dimensionar de que forma se manifesta à atuação sócio-espacial no processo de re-socialização.

Metodologia

Os procedimentos metodológicos adotados para a obtenção do objetivo anteriormente citado são leituras de textos que servem como pilares de fundamentação teórico-conceitual. A obra de Foucault, 2003 [3]; Goffman, 2003 [4]; são referência para a análise de ambientes prisionais e de clausura. Carlos, 1996 [2]; Augé; 1994 [1]; contribuem com lições acerca do conceito de (não)lugar. Além de artigos e textos monográficos complementares que expõem a situação do ambiente prisional carioca [6] e das unidades de internação para menores infratores [5].

Também foram realizadas visitas a uma unidade de acautelamento, Instituto Padre Severino (IPS), e a uma unidade de internação, Escola João Luís Alves, em que foram entrevistados jovens internos, visando compreender qual a visão que estes criam do ambiente de clausura, e equipes técnicas, objetivando perceber qual a participação do trabalho destes profissionais no processo de re-socialização. Cabe lembrar que esta pesquisa não analisa de forma pontual uma instituição. Metodologicamente optou-se por empreender um estudo teórico geral sobre a conformação espacial interna do instituto em questão, sem focalizar espacialmente a análise.

Conclusões

As diversas experiências vividas nas unidades de internação não permanecem apenas nos corpos dos internos. Elas se estabelecem em cada centímetro do instituto, fazendo com que cada um desses lugares se apresente da forma como realmente são e que somente podem ser desvendados a partir da experiência de reclusão. Isso significa dizer que cada lugar conhecido pelo jovem (dormitório, refeitório, áreas de circulação) possui, em seu interior, parcelas de poder concretas e articuladas que o jovem passa a sentir, a pensar somente no período de internação. O poder transmitido por cada lugar é sentido e assimilado por cada um e reforçado pelo poder oficialmente instituído da equipe dirigente. Desta forma, pode-se dizer que o jovem, ao ser internado, penetra numa espécie de “mundo paralelo”, em que as relações de poder estabelecidas e interdependentes entre os lugares, e entre estes e os jovens, atuam incessantemente, em função da ordem social superior, em favor da modificação pessoal

Referências Bibliográficas

- 1- AUGÉ, M. **Não-lugares: introdução a uma antropologia da supermodernidade**. Campinas: Papyrus, 1994. 111p.
- 2- CARLOS, A. F. A. **O lugar no/do mundo**. 1. ed. São Paulo: Hucitec. 1996.
- 3- FOUCAULT, M. **Vigiar e Punir: Nascimento da Prisão**. 29. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2004. 262p.
- 4- GOFFMAN, E. **Manicômios, Prisões e Conventos**. 7. ed. Rio de Janeiro: Perspectiva, 2003. 320p.
- 5- SILVA, E. R. A. **Adolescentes em Conflito com a Lei: Situação do Atendimento Institucional no Brasil**. 1. ed. Brasília, DF: IPEA, 2003. 103p.
- 6- SOUZA, A. B. **Perfil e Origem da População Carcerária Um Estudo de Caso do Complexo Penitenciário de Bangu**. Rio de Janeiro, 1999. 97p. Monografia – Universidade do Estado do Rio de Janeiro.